

Entre a ficção e a história: *Santa Evita*, de Tomás Eloy Martínez

Mariana Rosell

Resumo

Esta resenha busca fazer uma breve análise crítica do romance *Santa Evita* e apontar as estratégias utilizadas pelo seu autor, Tomás Eloy Martínez, no sentido de confundir a fronteira entre ficção e História, partindo de sua crença de que todo relato é infiel.

Palavras-chave: História – Ficção – Literatura – Santa Evita – História da Argentina

Todo relato é, por definição, infiel. A realidade [...] não pode ser contada nem repetida.

A única coisa que se pode fazer com a realidade é inventá-la de novo.

Tomás Eloy Martínez. *Santa Evita*.

O livro *Santa Evita* foi publicado originalmente em 1995, tendo sua tradução sido publicada no Brasil no ano seguinte pela editora Companhia das Letras. Trata-se de um romance histórico de Tomás Eloy Martínez que, entre outros, escreveu também *La novela de Perón* (1985). O autor baseia seu romance nos mistérios que envolveram o desaparecimento e o ressurgimento do corpo embalsamado de Maria Eva Duarte de Perón, a Evita, entre 1955 – ano do golpe de Estado que derrubou Juan Domingo Perón, quando o corpo de Evita, que estava exposto para visita pública desde sua morte, foi sequestrado – e 1971, quando foi devolvido a Perón, que vivia exilado na Espanha à época. A Argentina, o corpo só retornaria três anos depois, em 1974, quando a recente viúva de Perón e então presidente, Isabelita, o traria de volta para o país.

O romance está estruturado de forma não cronológica. O autor narra os eventos num encadeamento paralelo através do que se pode chamar de quatro vertentes narrativas que se alternam e nas quais o autor modifica de certa forma a característica da narração: duas sobre Evita, uma morta e outra viva; uma sobre os militares encarregados de dar fim ao corpo; e, por fim, uma que dá conta da escrita do romance, retratando o autor a si próprio como mais um personagem.

As duas primeiras vertentes narrativas nascem conectadas pela morte de Evita. O autor inicia o romance tratando dos últimos dias de Eva, já bastante dilacerada pelo câncer de útero que a matou aos 33 anos, para, em seguida, iniciar a narrativa do itinerário errático ficcional que elabora para seu corpo embalsamado. Enquanto esta história é contada de maneira cronológica linear, aquela é retratada de trás para frente, da morte para o nascimento. Dessa forma, o livro se inicia com o fato que, aliado a tantos outros, ajudaria a construir o mito Evita Perón, ainda hoje latente na sociedade argentina: a morte precoce e a permanência viva nesta morte através do embalsamento de seu corpo. Esta estrutura narrativa é parafraseada pelo autor no corpo do romance, em que ele diz: “Não contaria Evita como malefício nem como mito. Iria contá-la tal como a sonhara: como uma mariposa que batia para frente as asas de sua morte, enquanto as de sua vida voavam para trás (MARTÍNEZ, 1996, p. 67).

Além disso, ao dar voz para diferentes personagens, o autor acaba por abranger em seu livro muitas das várias representações que se tem de Evita: a

égua, a santa, entre outras. Ele diz: “*En Santa Evita intenté recuperar la esencia mítica de un personaje central de la historia argentina reuniendo en un solo texto todo lo que los argentinos hemos imaginado y sentido sobre Eva Perón durante dos o tres generaciones*”¹ (MARTÍNEZ *apud* CODDOU, 2007, p. 67).

Para pensarmos a terceira vertente, a narrativa sobre os militares, é fundamental ter em mente a relação do autor com os mesmos. Inúmeras foram as intervenções destes na política argentina, sobretudo a partir de 1930; mas seria a última ditadura (1976-1983) que o levaria a viver exilado por quase oito anos. Assim, a representação dos militares no livro se dá através das personagens que ficaram responsáveis por evitar que a múmia de Evita reforçasse o mito que já se construía acerca dela (seja sequestrando-a, seja escondendo-a). No desenrolar do romance, então, os militares são apresentados sempre de forma negativa.

A figura central que os representa no livro, o coronel Moori Koenig, chega a profanar o corpo embalsamado de Evita ao urinar nele, além de se tornar alcoólatra e manter relações sexuais com a múmia de Evita. Apesar de ser o nome real de um militar, o autor nos apresenta um personagem alegórico, que reúne em si diversas características desprezíveis dos militares argentinos, sobretudo aos olhos de Martínez. Dessa forma, esse personagem apresenta a visão do conjunto dos militares argentinos, agregando em si suas características principais.

Por fim, a quarta vertente narrativa do livro retrata o próprio autor como um personagem de seu romance. Martínez, em diversos momentos, insere-se no texto e dialoga com o leitor, narrando as dificuldades e os procedimentos durante a pesquisa e a elaboração do livro. Esses momentos são fundamentais para o diálogo que se faz entre realidade e ficção nessa obra, uma vez que o próprio autor insere-se nela e convida o leitor a participar e refletir com ele acerca dessa relação.

A grande questão a ser destacada dessa estratégia de Martínez é que, ao inserir-se como um personagem-autor-narrador, ele abre a possibilidade de narrar acontecimentos que quase em nada são verdadeiros. Por exemplo, ele descreve encontros e entrevistas que nunca aconteceram, mas que, mesmo assim, conferem verossimilhança aos fatos e adquirem a confiança do leitor.

1 “Em *Santa Evita* tentei recuperar a essência mítica de um personagem central da história argentina reunindo em um só texto tudo o que os argentinos imaginamos e sentimos sobre Eva Perón durante duas ou três gerações.” Tradução da autora.

Quem fala ali não é o autor Tomás Eloy Martínez em si, mas, sim, o personagem-autor. Assim, é possível que ele conte fatos não verídicos que parecem verdade e que compõem o romance de acordo com sua concepção. Dessa forma: “Nos romances, o que é verdade também é mentira. Os autores constroem à noite os mesmos mitos que destruíram pela manhã” (MARTÍNEZ, 1996, p. 333).

Essa estratégia está ligada a outra que é muito cara ao romance e à obra de Martínez em geral, sendo bastante discutida e comentada por ele em entrevistas e, como vimos por citações no decorrer desta resenha, também no próprio romance *Santa Evita*. Tratemos, então, da relação entre realidade e ficção nesse romance. Segundo Marcelo Coddou, “*En Santa Evita, Tomás Eloy Martínez recepciona una variedad amplia de discursos y reescribe el mito de Evita, renovándolo en una ‘ficción verdadera’*. [...] *La ‘verdad’ que se pretende establecer queda enmascarada en las ‘mentiras’ de la ficción*”² (CODDOU, 2007, p. 59).

Realidade e ficção separam-se por uma linha tênue em *Santa Evita*, grande parte em virtude do ponto anteriormente apresentado, que consiste na inserção de um personagem-autor-narrador, mas também pela própria construção do romance. Muitas críticas e resenhas sobre *Santa Evita* insistem que o livro de Martínez utilizou algumas estratégias para que a verossimilhança fosse tanta que chegasse a se confundir com a realidade.

Coddou destaca que a longa atuação de Martínez como jornalista contribuiu para que ao romance fosse atribuída grande credibilidade. Os procedimentos próprios do jornalismo, como entrevistas, e a recorrência a reportagens, fotografias e demais documentos também colaboraram para isso. Coddou diz que

*TEM [Tomás Eloy Martínez] se enfrenta a la idea establecida de que a la verdad se llega sólo por medio de la objetividad científica, adscribiéndose al pensamiento de quienes sostienen que lo verdadero también puede transmitirse por medio de discursos figurativos, los propios de la ficción literaria y que también son de la narración historiográfica y mitológica*³ (CODDOU, 2007, p. 64).

2 “Em *Santa Evita*, Tomás Eloy Martínez recepciona uma variedade ampla de discursos e reescreve o mito de Evita, renovando-o em uma ‘ficção verdadeira’. [...] A ‘verdade’ que se pretende estabelecer permanece mascarada nas ‘mentiras’ da ficção.” Tradução da autora.

3 “TEM [Tomás Eloy Martínez] se defronta com a ideia estabelecida de que à verdade se chega somente por meio da objetividade científica, corroborando o pensamento de quem sustenta que o verdadeiro também se pode transmitir por meio de discursos figurativos, próprios da ficção literária e que também são da narração historiográfica e mitológica.” Tradução da autora.

Martínez se resguarda o direito de trabalhar o mito de Eva Perón a partir de um romance (para salvá-la da história, como diria) e com as devidas liberdades que isso lhe dá. Como diria Juan Pablo Neyret, “*La única fidelidad del novelista es a si mismo, a su propia libertad*”⁴ (NEYRET *apud* CODDOU, 2007, p. 72). Martínez trabalha exatamente nessa chave, num imbricado entre mito e história, realidade e ficção. E, a seu ver, isso não faz tanta diferença. Em suas palavras:

*tanto la historia como la ficción se construyen con las respiraciones del pasado, reescriben un mundo que hemos perdido y, en esas fuentes comunes en las que abrevan, en esos espejos donde ambas se reflejan mutuamente, ya no hay casi fronteras: las diferencias entre ficción e historia se han ido tornado cada vez más lábiles, menos claras*⁵ (MARTÍNEZ *apud* CODDOU, 2007, p. 73).

Referências bibliográficas

- CODDOU, Marcelo. Santa Evita. Historia, ficción y mito. Una narrativa a partir del outro lado. *Acta Literaria*, nº 35, II sem., 2007, p. 59-75. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/actalit/n35/art05.pdf>. Acesso em: 17/11/2013.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



Mariana Rosell – Graduada em História pela Universidade de São Paulo em 2014. Mestranda em Historia Social pela Universidade de São Paulo.
rosell.mariana@gmail.com

4 “A única fidelidade do novelista é a si mesmo, a sua própria liberdade.” Tradução da autora.

5 “tanto a história como a ficção se constroem com as respirações do passado, reescrevem um mundo que perdemos e, nessas fontes comuns em que bebem, nesses espelhos onde ambas se refletem mutuamente, já quase não há fronteiras: as diferenças entre ficção e história se tornam cada vez mais instáveis, menos claras.” Tradução da autora.